Gerativismo

Maria Paula Vieira Peres
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)

O Gerativismo é uma corrente teórica linguística que se dedica ao estudo da ciência da linguagem. Sua origem remonta ao final da década de 1950, nos Estados Unidos da América, sendo concebida por Noam Chomsky. O "nascimento" da linguística gerativa é geralmente atribuído a 1957, quando Chomsky lançou seu primeiro livro, "Estruturas Sintáticas".

Os pesquisadores desta corrente teórica reformularam-na em várias ocasiões, buscando desenvolver um modelo teórico formal com inspirações matemáticas. Seu objetivo é descrever e explicar de maneira abstrata o que é e como funciona a linguagem humana.

A linguística gerativa surgiu em contraposição com o modelo teórico do behaviorismo. Para os responsáveis por estudar este modelo, com destaque para Leonard Bloomfield, a argumentação é de que a linguagem humana era interpretada como um condicionamento social, ou seja, havia o postulado de que o organismo humano tinha a capacidade de produzir linguagem através de estímulos que recebia da interação social. A contestação de Chomsky girava em torno da criatividade do falante: todos os falantes têm a criatividade, mesmo sendo analfabetos ou até os escritores de mais renome, sendo capazes de formular frases jamais ditas e impossíveis de serem reproduzidas da mesma maneira novamente. Chomsky afirma que esta criatividade é o aspecto primordial para caracterizar o comportamento linguístico humano.

Nesta ideia de que a linguagem humana é caracterizada pela criatividade dos falantes, Chomsky traz que isto deve ser assimilado como a origem do desempenho linguístico de um falante, residindo em uma predisposição inata, uma capacidade genética interna ao organismo humano. Este fenômeno não é completamente determinado pelo ambiente externo, desafiando a perspectiva behaviorista. Denominada como Faculdade da Linguagem, essa inclinação inata visa construir a competência linguística e está profundamente enraizada na biologia do cérebro ou mente da espécie. Esta capacidade não está baseada na memorização de frases específicas, mas na aplicação de regras gramaticais e estruturas sintáticas que são internalizadas durante o processo de aquisição da linguagem (devemos, portanto, excluir os casos patológicos).

A hipótese da faculdade da linguagem em si não era totalmente suficiente para solucionar algumas questões da teoria gerativa. Era preciso, portanto, relatar a semelhança entre todas as línguas do mundo e caracterizar suas diferenças. Com isso, os gerativistas desenvolveram teorias diversas para entender melhor como se desempenhava a linguagem na psique humana. Nesse caso, há questionamentos a serem feitos por esses estudiosos da teoria[1] :

- ➔ O que há em comum entre todas as línguas humanas e de que maneira elas diferem entre si?
- ➔ Em que consiste o conhecimento que um indivíduo possui quando é capaz de falar e compreender uma língua?
- ➔ Como o indivíduo adquire esse conhecimento?
- ➔ De que maneira esse conhecimento é posto em uso pelo indivíduo?
- ➔ Quais são as sustentações físicas presentes no cérebro/mente que esse conhecimento recebe?

O modelo teórico do gerativismo emerge a partir das respostas a essas questões, delineando uma abordagem matemática e formal na análise da linguagem humana. Esta abordagem diverge significativamente do enfoque empírico da gramática tradicional, da linguística estrutural e da sociolinguística. Em vez disso, aproxima-se da vertente interdisciplinar dos estudos da mente humana, conhecida como ciências cognitivas.

Entre os anos de 1960 e 1970, emerge a primeira elaboração do modelo gerativista, que podemos chamar de Gramática Transformacional. A ideia era, basicamente, elaborar uma explicação sobre a formação dos elementos que compõem as sentenças, destacando o processo de transformação desses constituintes por meio da implementação de regras.

Podemos chamar de marcadores sintagmáticos os itens lexicais que se envolvem em meio a estruturas, com exemplo em “o estudante leu o livro”, que possui cinco lexicais. Esses marcadores em questão podem se transformar e dar origens a marcadores sintagmáticos diferentes. Podemos entender esse modelo em “o livro foi lido pelo estudante”, “o que o estudante leu?”, “quem leu o livro?”, etc. Há a percepção, entretanto, que essas incontáveis sentenças da língua são formadas pelo que chamamos de gramática (podemos entendê-la por um conjunto de regras de uma língua em específico), que tem o poder de modificar uma sentença e criar outra, e mais outra, e mais outra, sem um limite aparente.

---

1 Perguntas retiradas de KENEDY, E. Gerativismo In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140

O exemplo a seguir é extraído do Manual de Linguística, de Eduardo Martelotta:

> "A sentença (S) "o aluno leu o livro" é formada pela relação estrutural entre o sintagma nominal (SN) "o aluno" e o sintagma verbal (SV) "leu o livro". O SN é formado pelo determinante (DET) "o" e pelo nome (N) "aluno", e o SV por sua vez, é formado pelo verbo (V) "leu" e pelo outro SN "o livro", o qual se forma também por uma relação entre DET e N, no caso "o" e "livro" respectivamente."

O diagrama arbóreo (ou somente árvore) pode representar toda essa estrutura sintagmática. Ele é, de maneira concisa, o método que os gerativistas encontraram para fazer a representação das estruturas sintáticas.

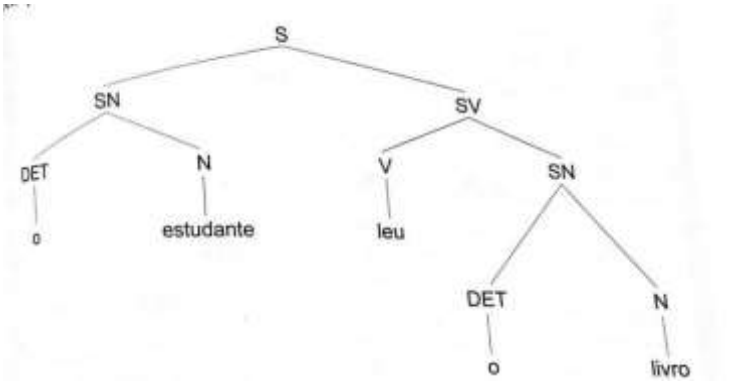
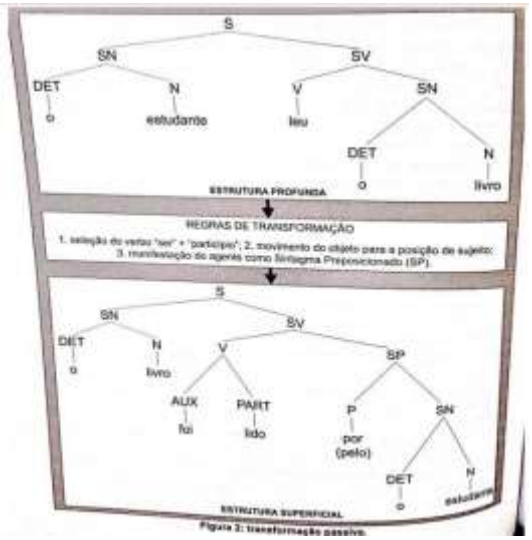


Figura 1: representação arbórea

As regras em questão podem descrever como esta estrutura principal é criada pela mente humana, porém não é o bastante para poder explicar como uma destas estruturas associadas, com o exemplo da voz passiva, estaria sendo formada a partir da estrutura principal, neste contexto, a voz ativa. Então, surgem as regras transformacionais, feitas para explicar justamente as estruturas distintas que estão relacionadas.



Logo depois, essa noção de transformação de uma estrutura profunda em uma estrutura superficial foi trocada por um conceito de que essas estruturas em questão eram, na verdade, derivadas.

Um outro aspecto que é de preocupação dos estudiosos do gerativismo é a chamada frase gramatical, que é uma frase considerada "normal". Isso diz respeito à potencialidade que o falante possui de ter uma intuição a respeito dessas estruturas sintáticas que por ele são ouvidas e produzidas. Por essa mesma intuição, o falante dessa língua percebe que a frase "*que livro você conhece uma pessoa que escreveu?" é uma frase estranha e não faz sentido, sendo conhecida como frase agramatical, que é, basicamente, uma frase que contém certa anormalidade na língua.

Essa percepção de entender se uma frase é gramatical ou agramatical em uma língua e como o falante identifica isso é objeto de estudo dos gerativistas. É de se perceber também que nas escolas os temas supracitados não são de preocupação e não são nem mencionados. Referente aos falantes da língua, há a percepção inata e é possível que eles façam a distinção entre uma frase gramatical e uma frase agramatical.

Surge algo chamado *competência linguística,* sendo essa uma proficiência linguística natural, ou seja, a capacidade inata de entender uma sentença gramatical e reconhecer uma agramatical da língua. Isso difere do que chamamos de *desempenho linguístico,* que Chomsky define como "imperfeita manifestação do sistema", por exemplo, quando o falante tenta formular a frase "Vou correr na pista hoje", mas se confundiu nos fonemas e acabou proferindo "Vou correr na pista toje", mas isso é apenas um erro durante a realização da fala. O erro em questão não quer dizer que o falante não conheça o sistema linguístico.

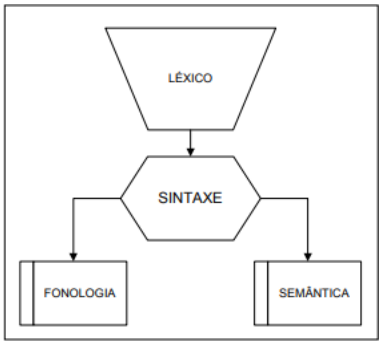
Na década de 80, o gerativismo introduziu a hipótese da existência de algo denominado Gramática Universal (GU). A concepção de competência linguística como um sistema de regras específicas foi, portanto, substituída pela compreensão da presença de uma Gramática Universal (GU). Essa ideia pode ser interpretada como uma série de propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais existentes. Não podemos deixar de considerar a disparidade entre essas línguas e como suas características podem ser previstas com base nas seleções presentes na GU. Esta ideia é nada mais que um aperfeiçoamento da faculdade da linguagem.

O gerativismo ampliou uma teoria dos princípios e parâmetros, que foi desenvolvida para estruturar a origem e tentar entender como funciona a GU. Tem duas fases distintas, começando pela Teoria da Regência e da Ligação (TRL), mantendo-se até a década de 80. No início da década de 90 até os anos recentes, podemos falar no Programa Minimalista (PM).

Suas pesquisas têm o desenvolvimento em torno da sintaxe (enquanto elementos de uma frase, estuda-se as palavras, suas relações de concordância, subordinação e ordem), percebem-se as grandes semelhanças entre todas as línguas do mundo, mesmo aquelas que não possuem nenhuma afinidade, chegando-se à GU. Ao analisarmos isto, percebe-se que todas as línguas presentes no globo têm suas estruturas envolvendo sujeito e predicado, complementos, orações adjetivas e interrogativas.

Entramos no conceito de *gramática modular*, que é algo primordial para os estudos dos gerativistas, podendo ser definida como a viabilidade de analisar isoladamente a sintaxe em relação aos demais elementos da gramática, como léxico, fonologia, morfologia e semântica. Para Chomsky, a análise da gramática e de seus componentes pressupõe a abordagem de módulos autônomos, operando independentemente uns dos outros. Isso implica que cada componente é regido por suas próprias regras, sem sofrer influência direta dos demais módulos.

Existem alguns pontos de encontro entre esses módulos da gramática, porque a sintaxe produz sintagmas e sentenças através das palavras do léxico. O item final da sintaxe (que é a sentença), portanto, precisa obter uma leitura fonológica e uma interpretação semântica, o que o gerativismo batizou de Forma Lógica.



O núcleo da gramática é, nesse caso, a sintaxe. Do léxico as palavras são subtraídas para serem montadas estruturas tipo sentenças e sintagmas, que da sintaxe vão para a pronúncia no componente fonológico e para a interpretação, no módulo semântico.

Podemos entender o conceito de Princípio como características gramaticais que mantêm validade em todas as línguas naturais. Já em relação ao Parâmetro, podemos compreender como a viabilidade da variação entre essas línguas.

Parafraseando Kenedy, no Programa Minimalista, Princípios são as regras gramaticais fundamentais, enquanto Parâmetros representam variações linguísticas binárias. Considere as frases (a) "Lucas afirmou que ele vai se casar" e (b) "Ele

comunicou que Lucas vai se casar". Em (a), "ele" pode referir-se a "Lucas" ou a outro indivíduo mencionado anteriormente, enquanto em (b) “ele” não pode apontar para "Lucas", sendo restrito a outro personagem.

Isso ocorre devido ao Princípio da LG, que exige que uma anáfora suceda seu referente. Em (a), ambos os referentes possíveis precedem "ele", permitindo referência a "Lucas" ou outro personagem. Em (b), "ele" precede "Lucas", tornando a referência a Lucas impossível.

Um exemplo de Parâmetro é a presença do sujeito nulo. Em (a), o sujeito é explícito ("Lucas afirmou que ele mesmo vai se casar"), enquanto em (c) "Lucas comunicou que Ø vai se casar," o sujeito é nulo na segunda oração. O Português suporta sujeitos nulos, como em "Ø saí ontem", evidenciando uma característica específica da língua.

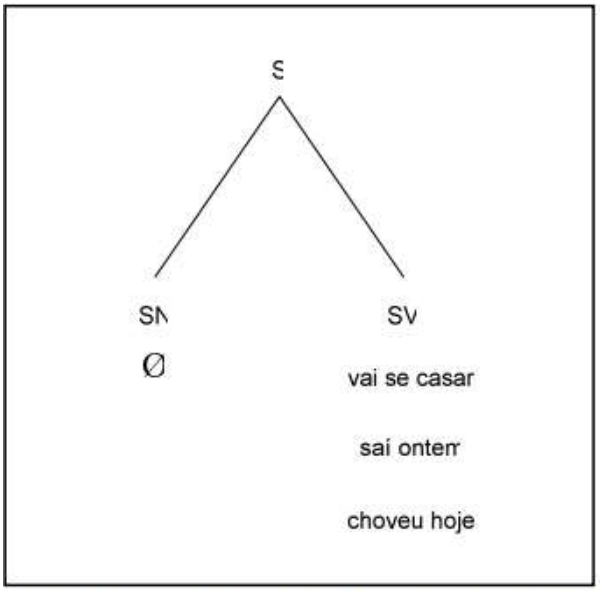


Figura 5: parâmetro do sujeito nulo (+)

Em suma, este artigo retrata a corrente teórica do gerativismo e sua análise linguística, enfocando a interação entre Princípios e Parâmetros. A compreensão desses elementos é crucial para explicar nuances gramaticais em diferentes línguas, como evidenciado no contraste entre o Português e outras línguas. O estudo contribui para o avanço do conhecimento na área, proporcionando insights valiosos sobre a estrutura linguística universal e suas variações.

Referências Bibliográficas:

KENEDY, E. Gerativismo In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140

Referências de Imagens:

KENEDY, E. Gerativismo In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140